



Um santo do Jardim da Saúde

- realmente os pobres nos evangelizam -

Frei Lourenço Maria Papin, OP

Entre as numerosas e admiráveis pessoas com quem me encontrei ao longo de meu ministério na cidade de São Paulo, na Paróquia Sagrada Família, encontra-se a do Seu Arinos.

Migrante mineiro, casado com Dona Semíramis, familiarmente conhecida por Dona Mirian. Moravam em São Paulo, participantes da Paróquia Sagrada Família, no Jardim da Saúde.

O casal lamentava não poder ter filhos. Adotara, então, algumas crianças hoje adultos e casados.

Mirian, em sua casa alugada, acolhia, durante o dia, crianças de mães solteiras que iam para sua jornada de trabalho junto às famílias. Um serviço que rendia modesta ajuda financeira para sua casa. Serviço precioso pelo carinho materno com que era realizado.

Seu Arinos e Dona Mirian eram membros da Irmandade de São Benedito, um grupo de pessoas da Paróquia Sagrada Família, na maioria negras. Essa Irmandade se reunia mensalmente para a oração e a caridade com os pobres, antes mesmo da fundação dessa Paróquia, em 1957. Irmandade pobre, humilde e silenciosa como São Benedito, o Negro. Posso dizer que essa Irmandade foi como que a pupila dos olhos do saudoso Dom Celso, quando pároco da Sagrada Família.

Seu Arinos era trabalhador braçal, o dia todo carregando e descarregando caminhões no Mercado Central da capital paulista.

Machucou-se gravemente no seu pesado trabalho e foi dispensado. A Paróquia Sagrada Família o recebeu e o registrou como seu funcionário para os serviços de limpeza e conservação da Igreja. Trabalho humilde como o do franciscano São Benedito que, no seu convento, no sul da Itália, foi ora superior, ora porteiro e faxineiro.

Como São Benedito, Seu Arinos trabalhava silencioso, num clima de intensa oração pessoal e comunitária. Ao abrir a Igreja pela manhã, lá estava ele em oração diante do Sacrário, na Capela do Santíssimo.

Depois do almoço que a Paróquia lhe oferecia, Seu Arinos desaparecia... Para onde ia? Descobriu-se que ele aproveitava o tempo de descanso que a lei trabalhista lhe garantia, para ler e meditar a Bíblia, retirando-se numa sala das dependências da Igreja.

Aos domingos, discretamente, quase sem ser percebido, colaborava com os responsáveis pela Liturgia, sobretudo da Missa com os jovens.

Era membro atuante da Pastoral dos Enfermos. Após seu horário de trabalho e aos domingos, assiduamente visitava pessoas doentes. Por mais de vinte anos, por exemplo, cuidou de um operário acidentado, tetraplégico, dando-lhe banho, carregando-o nos braços, encorajando-o sempre.



Quantas vezes foi visto, com sua carriola, pelas ruas de São Paulo, como “catador de papelão”. O pequeno lucro desse trabalho reforçava seu modesto orçamento familiar.

Mansa e fraternal era sua fala. Estava sempre de semblante sereno e alegre. Se numa conversa, alguém falasse mal de alguém, sabia delicadamente mudar o rumo do assunto. Nunca falou mal de ninguém!

Na sua simplicidade e pureza de vida, era dotado do carisma do aconselhamento. Quantas pessoas da comunidade o procuravam pedindo-lhe um conselho, uma orientação. Possuía o bom senso e aquela sabedoria que não vêm das escolas, mas do Espírito de Deus.

Sua morte foi causada por um seu gesto heroico de amor fraterno, acolhendo em sua casa um jovem sem família, marginalizado e rejeitado pela sociedade, gravemente doente física e psiquicamente. A um sacerdote que lhe observou que não estava moralmente obrigado a esse gesto em razão de sua pobreza, respondeu: “Se eu não acolher esse jovem, minha consciência nunca mais estará tranquila”. Um gesto assim, a Teologia define como virtude heroica.

A sobrecarga de preocupações decorrentes desse seu gesto heroico, incompreendido por alguém da família, lhe provocou um enfarto fulminante. Morreu enquanto, ajoelhado, rezava o terço, como fazia toda noite antes de dormir.

Emocionada a comunidade Sagrada Família chorou sua morte, todos entendendo melhor a pessoa maravilhosa que perderam na terra e ganharam na Eternidade. Os jovens se emocionaram, entendendo melhor a colaboração dele na Liturgia da Missa Dominical.

Eu o conheci de perto e posso afirmar: Seu Arinos, homem de Deus, exemplo eloquente de amor a Deus e ao próximo, de amor à comunidade. Realmente os pobres nos evangelizam!

Ouso proclamar: Seu Arinos, um santo do Jardim da Saúde!